

OS FENÔMENOS *AMBIGÜIDADE*, *DIVALÊNCIA* E *AMBIVALÊNCIA* NA OBRA *O SÓSIA*, DE DOSTOIÉVSKI

Rúbia de Cássia Oliveira
UEG; NECASA/PROEC/UFG
Vivian Bueno Cardoso Tomazetti
PVIC/UEG
Comunicação
Psicologia e processos clínicos

O presente trabalho é parte da pesquisa intitulada “Psicanálise e literatura: subjetividade em Dostoiévski”, desenvolvida na Universidade Estadual de Goiás. Este projeto parte do pressuposto de que a literatura é uma fonte privilegiada de estudo da psicanálise e propõe estudar a teoria freudiana e pesquisar alguns aspectos dessa teoria na literatura de Dostoiévski. Na atual fase, a pesquisa investiga os fenômenos *ambigüidade*, *divalência* e *ambivalência* na obra *O sósia*. José Bleger (1985) propôs esses termos para conceituar os diferentes tipos de organização da conduta e de relação de objeto. Fazendo um paralelo com a teoria das posições de Melanie Klein, a divalência estaria presente na posição esquizoparanóide, a ambivalência na posição depressiva e a ambigüidade, segundo Bleger, é o tipo de “relação de objeto” que o bebê estabelece em uma fase anterior à esquizoparanóide, que ele chamou de posição gliscro-cárica. Em nossa pesquisa constatamos: 1) a presença dos três fenômenos – ambigüidade, divalência (predominantemente) e ambivalência; e 2) que a organização mental do personagem Goliádkin, personagem principal da obra, é predominantemente esquizoparanóide, mas às vezes se organiza como depressiva e ora regride para a posição gliscro-cárica.

Palavras-chave: ambigüidade; divalência; ambivalência; *O sósia*; Dostoiévski.

O termo ambivalência foi introduzido por Eugen Bleuler em 1910 para caracterizar as manifestações contraditórias do afeto, da vontade ou do pensamento, presentes na esquizofrenia. Contudo, foi José Bleger (1985) quem chamou a atenção para o fato de que não apenas Bleuler, mas também Freud, Melanie Klein, Fairbairn e outros autores empregaram o termo ambivalência para se referirem a fenômenos distintos. Assim, Bleger propôs os termos *ambigüidade*, *divalência* e *ambivalência* para conceituar os diferentes tipos de relação de objeto. Fazendo um paralelo com a teoria das posições de Melanie Klein, a divalência estaria presente na posição esquizoparanóide, a ambivalência na posição depressiva e a ambigüidade, segundo Bleger, é o tipo de relação de objeto que o bebê estabelece em uma fase anterior à esquizoparanóide, que ele chamou de posição gliscro-cárica¹.

Nossa pesquisa partiu do pressuposto de que a literatura de Dostoiévski revela um sujeito fragmentado, cindido e contraditório ao extremo. Adotamos a hipótese de ser esse sujeito ambivalente e propusemos discutir o fenômeno da ambivalência e investigá-lo na obra *O sósia*. Contudo, numa releitura, constatamos: 1) a presença dos outros dois fenômenos – ambigüidade e divalência, sendo este último predominante; e 2) que a organização mental de Goliádkin, personagem principal da obra, é predominantemente esquizoparanóide, mas às vezes se organiza como depressiva e ora regride para a posição gliscro-cárica. Após uma sinopse da obra *O sósia*, passaremos à discussão dos fenômenos mencionados acima, tentando demonstrar nosso ponto de vista.

¹ A rigor, na posição gliscro-cárica não se pode falar em relação de objeto, pois eu e outro formam um núcleo aglutinado.

Escrita em 1846, a novela *O Sósia*², de Dostoievski, narra a história de um solitário funcionário público, o conselheiro honorário Iákov Petróvitch Goliádkin, morador de São Petersburgo, dotado de um comportamento instável e mania de perseguição (imagina que todos a sua volta conspiram para sabotar a sua vida). A narrativa gira em torno de suas fantasias e comportamentos contraditórios e instáveis, tendo seu ápice no desdobramento da personagem principal: um outro de si mesmo, um sósia. A princípio o seu duplo é amigo e companheiro, num segundo momento, ele se volta contra Goliádkin, pois este acredita que o outro, Goliádkin Segundo, quer lhe tomar o lugar na repartição e na sociedade. No decorrer da narrativa, os devaneios da personagem vão se intensificando, motivados principalmente pelas aparições do sósia, até o desfecho: Goliádkin é retirado do convívio social, pois acaba sendo levado para um hospício.

1) Posição gliscro-cárica e ambigüidade

José Bleger introduziu a expressão gliscro-cárica para designar a organização psicológica que, em sua opinião, antecede a posição esquizoparanóide³. A posição gliscro-cárica corresponde ao funcionamento mental primordial, quando ainda não há a diferenciação eu-mundo nem a discriminação entre objeto bom e objeto mau, característica da posição esquizoparanóide. Nesse primeiro tipo de organização mental “a relação objetal arcaica, primária, é tão primitiva que não pode ser denominada nem amor nem ódio, nem narcisismo, nem nada; tudo está contido, em sua forma rudimentar, mas só se manifestam de modo mutuamente discriminado e se tornam discerníveis durante o desenvolvimento posterior” (BLEGER, 1985, p. 197).

Trata-se de uma organização psicológica simbiótica, em que o ego nada mais é do que um núcleo aglutinado constituído pelos conteúdos mais primitivos da personalidade (*glischro*=viscoso, aglutinado; *karion*=núcleo). Nessa posição há uma incapacidade do ego rudimentar de realizar a discriminação entre mundo interno e mundo externo e em discriminar a massa difusa de impressões, imagens, sensações e demais elementos da vida psíquica nas primeiras semanas de vida. A *ambigüidade* equivale à indiferenciação da posição gliscro-cárica. Uma comparação tornará mais claro este conceito.

Há, no Teste de Apercepção Temática (T.A.T.), uma prancha em que um sujeito – homem ou mulher? – está parado, encostado no parapeito de algo que pode ser uma ponte. O que ele faz lá? Pode estar contemplando a paisagem, ou estar meditando, ou, quem sabe, pode estar pensando em pular da ponte. Esta, como as demais situações apresentadas pelo T.A.T., é ambígua porque dão margem a duas ou mais interpretações diferentes – lembremos que neste caso a ambigüidade está no objeto. Considerando a situação do ponto de vista do *sujeito ambíguo*, constataríamos que ele de fato não discrimina os termos de sua experiência: este sujeito poderia dizer que contempla a paisagem, poderia falar também de sua intenção de pular da ponte e afirmar que estava ali concentrado em alguma coisa, sem colocar para si mesmo a contradição entre essas alternativas, pois “muda facilmente os papéis que assume e a expressão de seus comportamentos” (BLEGER, 1985, p. 233). Na ambigüidade existe incerteza, indefinição, o que permite a coexistência de situações, afetos ou atitudes que não se harmonizam entre si.

Na posição gliscro-cárica e sua equivalente ambigüidade não há conflito – como ocorre nas posições esquizoparanóide e depressiva – porque os termos que se colocariam em oposição não estão diferenciados, não estão identificados. Há uma passagem em *O sósia* que ilustra claramente o fenômeno da ambigüidade.

² Em algumas traduções, *O duplo*.

³ Neste aspecto Bleger faz uma reformulação da teoria kleiniana.

Após deixar o consultório médico, Goliádkin retorna à Perspectiva Névkii com seu criado Petrúchka e entra em uma galeria, disposto a comprar muitas coisas.

Uma vez na joalheria, escolheu um aparelho completo de chá, do valor de mil e quinhentos rublos, uma cigarreira original, um serviço de barbear de prata, algumas outras coisas bonitas e úteis, discutindo mais ou menos o preço de todos os objetos que mandou separar. Dando por encerradas as compras, disse ao dono da loja que voltaria no dia seguinte, ou talvez na mesma tarde, para buscá-las. Tomou nota da firma e do endereço, escutou atentamente o joalheiro, que lhe explicava o que era costume fazer nesses casos; afirmou-lhe que o negócio estava concluído e que sua palavra era uma só; despediu-se do comerciante sem prestar atenção ao ar meio desconsolado e constrangido com que este o olhava e, sempre acompanhado do criado, dirigiu-se a outra loja [...] Fez uma despesa grande numa loja de tecidos para senhoras; mas não pagou, prometendo ao comerciante que voltaria no dia seguinte para buscar a mercadoria. Desenvolveu assim enorme atividade e [...] Em toda a parte assegurava que naquele mesmo dia, sem falta, mandaria pagar e recolher as compras. Quando algum negociante mencionava a conveniência de deixar algum sinal para que os artigos lhe ficassem reservados, respondia que sim, que sim, que depois mandaria trazer o sinal. Ocupou-se assim por muito tempo, e ninguém poderia compreender o objetivo de suas idas e vindas. (DOTOIÉVSKI, 1960, p.215).

A esse respeito nos diz Bleger (1985, p. 220): “o ego está, na ambigüidade, integrado em seus núcleos; forma, assim, o que poderia ser descrito como um ego ‘granular’, visto que se apresenta com núcleos ou segmentos diferentes”. Esta indiferenciação produz ambigüidade. No caso de Goliádkin, o leitor não se convence de que ele queria realmente comprar alguma coisa e nem de que ele não queria, porque *ele próprio não sabia se queria ou não comprar*. E apesar disto não demonstrava conflito algum, pois “se uma atitude ambivalente subsiste sem promover conflito, estamos, a rigor, diante da ambigüidade” (BLEGER, 1985, p. 351).

O que se poderia dizer a respeito da relação de objeto na posição gliscro-cárica é que o ego é um núcleo aglutinado e indiferenciado do objeto. As defesas mais utilizadas nesta posição, de acordo com Bleger, são a clivagem, a imobilização e a fragmentação.

2) Posição esquizoparanóide e divalência

Na vida mental primitiva o surgimento da capacidade de discriminação e diferenciação leva a uma necessidade de cindir, de dividir os objetos e as experiências para que o mau não contamine o bom, para que o externo não contamine o interno – é assim que se passa à organização psicológica que Melanie Klein denominou posição esquizoparanóide⁴. Se o objeto está dividido em bom e mau, a relação objetal será parcial; o bebê idealiza o bom e sente o mau como perseguidor, portanto, a ansiedade é persecutória. Os mecanismos de defesa mais usados pelo ego aqui são: projeção, negação, idealização, dissociação, introjeção e identificação projetiva, defesas primárias usadas maciçamente.

A organização psicológica do herói Goliádkin é predominantemente esquizoparanóide. Já no começo da novela, no terceiro parágrafo, Goliádkin ao despertar de um longo sono vê o dia de outono:

[...] hostil, de luz turva, como que suja e cansada, coado através das vidraças com tamanha má vontade e tanto mau humor, que Goliádkin não pôde mais

⁴ Chamamos a atenção para o fato de que esta autora utilizou a expressão “posição” ao invés de “estágio”, o que implica que pode haver, tanto em crianças como em adultos, especialmente nas neuroses, a mobilidade entre as posições.

duvidar de que se encontrava, não nalgum reino encantado, mas em Petersburgo [...]. (DOTOIÉVSKI, 1960, p.198).

Pela segunda vez, e ainda em trajes menores, foi espiar por trás do biombo. Não; Petrúchka não estava lá. Apenas pôde ver no chão o samovar, que roncava e grunhia, fervendo raivoso, ameaçando estourar a qualquer momento. (DOTOIÉVSKI, 1960, p. 200).

Na falta de uma pessoa sobre que projetar seus *maus* sentimentos, Goliádkin projeta-os no dia e no samovar. Note-se que na posição esquizoparanóide já existe a diferenciação e o que é vivenciado como *mau* deve ser expulso do ego, o que torna o depositário de tais projeções extremamente perseguidor. Do início ao fim da novela o cenário externo a Goliádkin é persecutório:

- É que tenho inimigos, Krestíán Ivánovitch; tenho inimigos... Inimigos mortais que se conjuraram para perder-me... (DOTOIÉVSKI, 1960, p. 210).

Maldade tão grande da parte dos seus inimigos, e principalmente aquela última prova de diabólica perversidade, gelaram-lhe o sangue nas veias. [...] De mais a mais, farto estava ele de saber desde muito tempo que alguma coisa de terrível tramavam os seus inimigos ainda não satisfeitos. (DOTOIÉVSKI, 1960, p. 240).

Goliádkin achava-se num estado de agitação e perplexidade. Mais do que tudo, repugnava-lhe ir à repartição. Tinha o pressentimento veemente de que lá alguma coisa lhe aconteceria sumamente desagradável. (DOTOIÉVSKI, 1960, p. 241).

- Dir-se-ia que estão todos hoje enfeitados. Parece que estão possuídos pelo diabo! Sinto no ar que alguma coisa de extraordinário se prepara. Que tormento! (DOTOIÉVSKI, 1960, p. 251).

Com o sangue-frio das grandes cóleras e uma decisão enérgica, Goliádkin voltou à sua mesa, a que se sentou, repetindo: - Não me escaparás! Não me escaparás, mesmo com toda esta cambada que conspira contra mim! (DOTOIÉVSKI, 1960, p. 268).

O mundo externo está dividido em bom e mau e, tão logo ele percebe a *possibilidade* de que alguém não seja plenamente confiável, este já se transforma em inimigo e perseguidor. Quando Goliádkin vai à repartição sondar o que está acontecendo e paga o funcionário Ostáfiev para subir e trazer algumas informações, a simples demora de seu colega é suficiente para que Goliádkin conclua:

- Não importa! Saberei defender-me de qualquer forma. Ostáfiev está demorando! Por que não vem me trazer uma resposta? Talvez o tenham retido lá por cima... Afinal, não faz mal que também eu me mêta em intrigas e procure armar arapucas. Tenho que me defender. Basta que dê umas gorgetinhas a Ostáfiev para que ele faça tudo o que eu mandar... Mas é possível que também os outros façam a mesma coisa e sirvam-se dele para me prejudicar... Porque a verdade é que o pobre rapaz tem cara de bandido, capaz de tudo. Com aquele seu jeito de 'não sei nada, não senhor' e 'muito obrigado', não passa de um marôto! (DOTOIÉVSKI, 1960, p. 295).

O objeto na posição esquizoparanóide é parcial e a relação do ego com este objeto será marcada pelo que Pichon-Rivière denominou *divalência* (BLEGER, 1985, p. 214). A divalência passa a ocorrer quando a mente esquizoparanóide, já discriminando os aspectos bons dos maus, não consegue ainda sintetizá-los, isto é, percebê-los como integrantes de uma realidade única. Neste caso os sentimentos ou quaisquer que sejam os termos do conflito serão alternados: ora dirigidos ao que é vivenciado como bom ora dirigidos ao que é vivenciado

como mau, ao contrário da ambivalência característica da posição depressiva, na qual, como veremos mais adiante, os termos em conflito ocorrem de modo simultâneo. A divalência designa: “... todos aqueles sentimentos, tendências ou atitudes que estejam dissociados e dirigidos para depositários ou objetos diferentes, quando primitiva ou posteriormente correspondem a um só objeto.” (BLEGER, 1985, p. 334).

Podemos observar o fenômeno da divalência nas seguintes passagens:

Mal o carro havia deixado o pátio, já Goliádkin esfregava as mãos, sorrindo para si mesmo, na satisfação de um homem de bom humor que realiza com sucesso uma travessura e se alegra por isso. Não tardou, porém, este ímpeto de jovialidade a transformar-se noutra disposição de ânimo muito diferente. Inopinadamente, o sorriso que lhe iluminava o rosto cedeu lugar às sombras de uma preocupação anterior. (DOTOIÉVSKI, 1960, p. 202).

Enquanto falava com seu médico, Krestían Ivánovitch, antes de ser agarrado por este pelas lapelas do casaco, o narrador nos revela: “Ao mesmo tempo que falava, passava por uma mudança súbita. Brilhavam-lhe excitados os olhos cinzentos; os lábios tremiam; todos os músculos do rosto contraíam-se e o corpo inteiro foi tomado por uma agitação que o sacudia” (DOTOIÉVSKI, 1960, p. 209).

Ao final da consulta seu estado já era de “contentamento”, o que, porém, dura pouquíssimo tempo:

Enquanto descia as escadas, Goliádkin sorria e esfregava as mãos num gesto de grande contentamento. Chegando à rua, respirou profundamente o ar fresco, como se voltasse a se sentir vivo. Estava a ponto de considerar-se o homem mais feliz do mundo, e com esta disposição de ânimo já ia tomar o caminho da repartição onde trabalhava, quando viu aproximar-se uma carruagem que parou diante dele. Ficou um momento estupefato, mas logo lembrou-se de tudo. [...] O nosso herói foi tomado logo por uma sensação de aborrecimento, de desgosto. Corou, ao mesmo tempo que sentia como se lhe tivesse dado uma pancada no estômago. (DOTOIÉVSKI, 1960, p. 214).

Em diversas passagens, Goliádkin toma uma decisão “radical” e, em seguida, surpreende o leitor, passando por cima do que havia decidido. Após ser barrado na casa de Osúlf Ivánovitch Goliádkin resolve voltar para casa, mas:

- De que estás rindo, idiota?
 - Eu não estou rindo! Para onde vamos agora?
 - Para casa, já e já.
 - Para casa! - gritou Petrúchka ao cocheiro, enquanto saltava para o assento posterior.

Quando o carro já se achava na Ponte Ismáilov, Goliádkin agarrou-se com desespero ao cordão para transmitir ao cocheiro, aos gritos, a ordem de voltar imediatamente ao lugar de onde vinham. O cocheiro obedeceu e em menos de dois minutos estavam de novo no pátio de Osúlf Ivánovitch. Logo nosso herói bradava de novo:

- Não! Não é isso! Volte para trás, volte, imbecil! (DOTOIÉVSKI, 1960, p. 220).

Observamos, nessas e tantas outras passagens da novela o fenômeno da divalência. Goliádkin toma uma decisão com “firmeza” e em poucos segundos volta atrás. Goliádkin *tem uma certeza e depois tem outra* porque, não conseguindo integrar os vários aspectos da situação, age ora guiado por um aspecto ora guiado por outro. Como o objeto, as situações, enfim, a realidade não está integrada, suas diversas facetas são percebidas alternadamente. O conflito está presente na divalência, mas os termos conflitantes não são simultâneos. Segundo

Bleger, a divalência e não a ambivalência – como pensava Bleuler – é um sintoma básico da esquizofrenia, quadro em que o enfraquecimento dos laços associativos promove a perda da capacidade de síntese da realidade.

3) Posição depressiva e ambivalência

De acordo com Melanie Klein as experiências com a realidade, quando mediadas por um objeto de amor tolerante e continente às demandas do bebê, fazem com que por volta dos três a seis meses de vida seja possível integrar o que foi dividido na posição esquizoparanóide. O bebê vai percebendo que o seio que frustra é o mesmo que gratifica, a mãe ausente é a mesma que se faz presente. Desta integração decorre o sentimento de culpa; lá, quando mau e bom estavam separados não havia culpa, pois o ódio era dirigido ao mau; aqui os impulsos agressivos são dirigidos também ao objeto bom ameaçando destruí-lo e as conseqüências são a culpa e a concomitante necessidade de reparação. Na posição depressiva as projeções, identificações projetivas maciças e outras defesas primitivas cedem campo à repressão e ao modo de funcionamento neurótico da personalidade. Na posição depressiva surge a *ambivalência* porque os sentimentos e tendências opostas são dirigidos a um único objeto⁵ ao mesmo tempo: “O termo ambivalência deve ser conservado para os casos nos quais dois comportamentos antinômicos coincidam, no mesmo objeto e ao mesmo tempo: sejam tais comportamentos duas atitudes, afetos, idéias ou tendências opostas [...]” (BLEGER, 1985, p. 333). É importante acrescentar que “na verdadeira ambivalência, as tendências opostas estão supostamente presentes, mas um dos elementos antinômicos, num momento específico, deve necessariamente ser inconsciente” (BLEGER, 1985, p. 365).

Dissemos que em nossa opinião, o herói da novela *O sócia* opera predominantemente na posição esquizoparanóide, mas isso não significa que o mesmo não tenha chegado à posição depressiva, marcando sua entrada em um registro neurótico da personalidade. Em seus estudos sobre simbiose, Bleger adota o posicionamento de que existem, nas psicoses e nas neuroses graves, duas organizações paralelas da personalidade: assim como há, nas psicoses, uma personalidade neurótica encoberta pela psicose, também nas neuroses graves existe uma personalidade psicótica mascarada pela neurose (BLEGER, 1985, p.110). De acordo com este autor, isso acontece na simbiose, situação em que a personalidade é composta por um ego integrado e adaptado (neurótico) e um *núcleo aglutinado*, segregado do ego, correspondente à parte imatura da personalidade.

Na personalidade de Goliádkin se pode deduzir a estruturação de um ego neurótico, embora cada vez mais invadido pelos processos psicóticos. Ele era um conselheiro honorário que conseguiu chegar a essa posição por seus próprios méritos, já que não era homem de “andar polindo o assoalho com as solas dos sapatos”, pois era “honrado, modesto, de boa índole, empregado modelo e merecedor de ser promovido” (DOSTOIÉVSKI, 1960, p. 274). Goliádkin demonstra uma relativa adaptação social: além de desempenhar satisfatoriamente seu papel na repartição, era um homem instruído, independente e, embora não se desse bem “no barulho e alvoroço das reuniões sociais”, apresentava um relacionamento cordial com seus circundantes. Algumas passagens da obra sugerem a presença da ambivalência depressiva:

Goliádkin sabia e sentia, estava convencido de que, ainda antes de chegar à sua casa, alguma coisa de funesto havia de lhe acontecer, como por exemplo, encontrar-se de novo, cara a cara, com o desconhecido. E, apesar disso, por

⁵ Esta é a posição teórica de Melanie Klein. Para Bleger a ambivalência pode ser vivenciada também com relação a objetos parciais, entendendo que “quando se fala em objeto parcial não estamos necessariamente nos referindo a uma parte do corpo da mãe, mas a um objeto tratado em função ou à base de um só dos sentimentos antitéticos dissociados, podendo este objeto ser [...] uma parte do corpo ou a totalidade da pessoa” (BLEGER, *op. cit.*, p. 357).

estranho que possa parecer, quase desejava esse encontro e desejava que ocorresse logo, o mais depressa que pudesse ser. Considerando-a inevitável, almejava que aquela expectativa se realizasse, para pôr um termo, fôsse qual fôsse, à angústia que o dominava. (DOSTOIÉVSKI, 1960, p. 237).

“Estava tomado por um tumulto de emoções contraditórias” (DOSTOIÉVSKI, 1960, p. 204).

Cumpriam-se plenamente todos os seus pressentimentos; tudo o que havia temido, tornava-se realidade. Faltou-lhe o alento, e sentiu um vácuo na cabeça. O desconhecido ali estava, sentado na sua frente, também com o chapéu na cabeça e a capa nos ombros. Ria mansinho, olhava para êle, e fazia acenos amistosos com a cabeça. Goliádkin quis gritar, mas não pôde; quis protestar contra aquilo, mas faltaram-lhe as forças. Quedou-se de pé, rígido de espanto, de cabelos eriçados em frente ao intruso. Tinha razão para isso. Havia reconhecido o seu visitante noturno, *amigo e inimigo ao mesmo tempo*⁶. Não era outro senão êle mesmo... O homem que avistava, a rir para ele, era o próprio Goliádkin, a sua imagem, a sua figura, a sua personalidade em todos os sentidos. Mais do que um sócia, era o seu duplo, o desdobraimento dêle mesmo. (DOSTOIÉVSKI, 1960, p. 240).

4) Algumas conclusões

Fragmentação, conflito e contradição são os principais traços de subjetividade presentes na obra *O sócia*. Tais características estão em um nível primário de organização do ego – falamos em ambigüidade, divalência e ambivalência, sendo essas três modalidades de relação objetual dinâmicas e coexistentes, portanto não há incoerência em dizer que Goliádkin oscila entre uma e outra, lembrando que, como dissemos, ele opera predominantemente de modo esquizoparanóide-divalente.

Goliádkin é um sujeito dividido. Como cidadão russo do século dezanove, preocupava-se com sua honra e sua dignidade, daí recusar-se a viver “com uma máscara pregada na cara”. Era um homem honesto, bom, inocente e sincero, um “cavalheiro”. Mas para progredir socialmente (subir de cargo na repartição, freqüentar as altas rodas, ter livre acesso ao Ministro, ser digno de cortejar Klára Osulfévna) precisaria agir de um modo estranho ao seu amor próprio e ao seu sentimento de dignidade. Goliádkin desejava ascender socialmente (basta ver a arrogância e desprezo com que trata seu criado Petrúchka) e este é um dos níveis em que se instala o conflito. Sua “cópia vulgar” representa o que ele não aceitou em si - Goliádkin Segundo era um oportunista, um sujeito de modos péssimos e caráter detestável, um maroto, ambicioso, patife e bajulador. Contudo, apesar destas características ou talvez por causa delas é que o sócia se dá bem naquela sociedade: é ele quem come as empadas – Goliádkin Primeiro apenas paga a conta – e quem entra no salão como convidado.

Em psicopatologia utiliza-se a expressão “mães esquizofrenizantes” para designar as mães que transmitem a seus bebês mensagens contraditórias, conflitantes, que rotineiramente oscilam entre manifestações intensas de amor e ódio, acolhimento e rejeição, etc. Nada sabemos sobre a mãe de Goliádkin nem sobre o universo afetivo que moldou sua personalidade nos primeiros anos de vida. Mas sabemos um pouco sobre o contexto histórico desta personagem. Nosso herói viveu na São Petersburgo do século XIX – o contexto da modernidade russa. De acordo com Marshall Berman (1994), do final do século XVII ao final do século XIX, quando cerca de dois terços da população ainda era de servos, os russos viviam uma forte angústia em decorrência do atraso e do subdesenvolvimento. E apesar disto

⁶ Grifos nossos.

São Petersburgo foi um dos grandes expoentes das modernidades do século XIX, produzindo uma das mais ricas tradições literárias de todos os tempos. A modernidade, em um de seus múltiplos sentidos é, segundo Berman, o espírito da contradição e da incerteza – “tudo o que é sólido desmancha no ar”. As sensações produzidas pela modernidade são a ameaça de fragmentação e dissolução, a agitação, a sensação do abismo e a vertigem. Talvez este contexto também seja esquizofrenizante, sobretudo para as personalidades mais sensíveis como a de Goliádkin.

Quando Goliádkin, atordoado com a existência de seu duplo, dorme e sonha com uma multidão de Goliádkins, a cena descrita lembra o que se poderia chamar de *sensação do núcleo aglutinado* e também da sensação de abismo que emergem quando o ego organizado cede à despersonalização psicótica:

Sem saber o que fazia, tomado de vergonha e de desespero, o infeliz e honrado Goliádkin tratou de fugir dali, pondo-se a correr ao acaso, para onde as pernas o quisessem levar, para onde a sorte o conduzisse. A cada passo que dava, porém, brotava da terra, ao lado dele, um outro Goliádkin, irmão do depravado, infame e repulsivo Goliádkin Segundo. Essas figuras espectrais marchavam a seu lado, numa fileira, formando uma cerca, de modo que lhe era impossível escapar-lhes. Por fim, tão grande era o número de fantasmas semelhantes, iguais uns aos outros, que as ruas de Petersburgo estavam povoadas por eles, quando surgiu um polícia que, observando aquela perturbação da ordem pública, começou a agarrar pelo pescoço todos os Goliádkins para levá-los para o xadrez... (DOSTOIÉVSKI, 1960, p. 290).

O estudo por nós realizado não nos permite chegar a grandes conclusões, mas na obra *O sósia*, Dostoiévski criou um universo literário cuja trama se assemelha à vida mental dos primeiros meses de vida e aos modos psicóticos de funcionamento mental, contribuindo significativamente para a compreensão dos mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BLEGER, José. *Simbiose e ambigüidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *O sósia*. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1960. Vol. IX.

KLEIN, Melanie. *Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê*. In: *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.